

VISÃO DO CORREIO

Rediscussão e ameaça à democracia

O Brasil chega a mais um ano eleitoral sem conseguir superar algo que deveria, há muito tempo, ter sido ultrapassado: as dúvidas sobre o conceito de democracia. Nos últimos quatro anos, por interesses menores, a definição foi relativizada e encontrou eco em uma parcela significativa da sociedade. Nem chega a ser surpreendente que os principais propagandistas dessa reconsideração sejam congressistas, dadas as distorções do nosso sistema eleitoral, que facilita a corrosão do Estado de Direito por dentro. O preocupante é que isso tenha se transformado em plataforma política.

As lições históricas foram abandonadas e, mais grave, desacreditadas. Não se pode atribuir isso somente às redes sociais, que, sim, potencializam aquilo que se convencionou classificar de pós-verdade — uma interpretação quase delirante da realidade e dos fatos. A democracia há tempos vem sendo minada.

Mais de 30 anos atrás, o professor Francis Fukuyama chamou a atenção para isso ao escrever “O Fim da História e o Último Homem”. Alertou que a humanidade chegou ao “ponto-final da evolução ideológica” e que, a partir daí, a consequência óbvia seria uma rediscussão do conceito de ideologia — e, por extensão, da própria democracia. Não previa, porém, que a volta ao ponto de partida abriria espaço para o debate enviesado.

Isso quem enxergou foi Umberto Eco, em “O Fascismo Eterno”, também

há quase 40 anos. Ao concluir que tal distorção ideológica não foi sepultada com o fim da II Guerra Mundial, em 1945, chamou a atenção para o fato de que as democracias seriam colocadas em xeque por grupos de interesse. Seus agentes visíveis seriam por líderes agressivos até então, menosprezados — mas, a partir do momento em que se projetassem, demonstrariam imensa capacidade de incutir uma mensagem superficial, capaz de galvanizar um grande grupo de excluídos da discussão política.

Assim, conseguiram reposicionar o debate sobre a democracia pela ênfase às falhas, há muito conhecidas por serem elementos naturais de um processo em permanente construção. Porém, com sucesso, esses líderes cristalizaram a percepção de que os problemas consomem o tecido democrático e que, por isso, algo deve tomar-lhe o lugar. E para recompor a ordem, somente a força.

Chega-se, então, às dúvidas sobre a validade da democracia. Os que querem substituí-la o fazem por oportunismo e por acreditarem que estarão na linha de frente da nova ordem. Os que resistem sabem que trata-se da implantação da barbárie.

Neste novo ano eleitoral, vão forçar a rediscussão da democracia, a ser apresentada como um vício para o qual não há cura. E venderão a falsa ideia de que pelas urnas se alcança a substituição do corpo doente. Eis o perigo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Colcha de retalhos

As vias entre as Quadras 402 e 404 de Samambaia estão vergonhosas. Há inúmeros buracos que colocam em risco motoristas e pedestres. Parece mais uma colcha de retalhos que uma estrada pavimentada. Já fiz registros junto à administração da cidade e à ouvidoria do GDF. O problema até foi atendido, mas pouco tempo depois os buracos reapareceram. Infelizmente, a situação se repete em diversas quadras. Basta começar o período chuvoso para os buracos tomarem conta do asfalto, mostrando a falta de uma solução definitiva. Não dá mais para conviver com reparos paliativos. A população precisa de vias seguras e de um trabalho duradouro.

» **Ricardo da Silva**
Samambaia

Às cegas

O que está acontecendo em Brasília? Em plena época de festas de fim de ano, marcada pela magia do Natal — quando luzes iluminam casas, prédios e árvores —, diversas ruas da capital seguem mergulhadas na escuridão. Parece que o espírito natalino não toca o coração dos gestores. É inadmissível que vias importantes do país, como trechos da EPGU, da Epia e de tantas outras, estejam às escuras. Mais inacreditável ainda é ver a população sofrer com a falta de ação da Neoenergia e da CEB. Nunca vi Brasília tão escura.

» **Jeferson Santana**
Asa Sul

Bolsonaro, o paciente

Mesmo que não se goste do ex-presidente Bolsonaro, não há como não reconhecer o sofrimento que ele vem passando com suas doenças crônicas, a maioria delas provocada pela facada que levou em 2018 — e que ainda há quem não acredite que tenha ocorrido. Recentemente internado, preso em uma cela da Polícia Federal, ele fez duas cirurgias para retirada de hérnias e hoje faria outra para tentar estancar o contínuo fluxo de soluções. Passou o Natal no hospital e, seguramente, passará o ano-novo em uma maca hospitalar.

» **Adriana Lima**
Lago Sul

TCU inovador

O ministro do Tribunal de Contas da União inovou e pela primeira vez fez o TCU colocar o Banco Central na berlinda, pedindo informações sobre a liquidação do Banco Master. Ex-deputado federal por Roraima, o ministro Jesus também quer saber o que a autarquia fez para liquidar o banco, quando devia procurar saber o que Master fez com seus investidores, inclusive, órgãos públicos como a previdência de pelo menos dois estados. No caso, o TCU ignora que o Banco Central é uma autarquia com regime jurídico próprio e tem sua autonomia assegurada. Pelo menos, até o surgimento do ministro Jesus.

» **Rosa Silva**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Está difícil andar à noite pelo DF. Seja de carro ou a pé, é preciso se apegar com Deus para não ser assaltado. É tanta escuridão que parece que voltamos ao século XX. Seja em Taguatinga ou no Plano Piloto, a situação é a mesma: breu total.

Rita Maria — Taguatinga Norte

Finalmente será possível viajar sem medo de não conseguir voltar para após o réveillon. A notícia da suspensão da ameaça de paralisação pelos aeroviários foi um alívio. Já não bastasse o preço amargo das passagens, ainda havia o fantasma do “apagão”.

Verônica Silva — Guará

Por uma ação direta

É angustiante ver a capital do país tomada por moradores em situação de rua. Sim, muitos vêm de outros estados numa busca desesperada por auxílio, mas a realidade da cidade grande os marginaliza ainda mais. As políticas públicas não conseguem tirar essas pessoas das ruas. Para piorar, criminosos e traficantes se misturam com esses moradores. É preciso que as forças de segurança, as secretarias que trabalham com saúde e assistência social façam uma abordagem diferenciada para esses moradores excluídos. Do jeito que está, perdemos todos, inclusive, os necessitados.

» **José Alberto S.**
Asa Norte

Canetas que valem ouro

As canetas emagrecedoras tornaram-se alvo cobiçado, não só por quem pretende perder alguns quilos, mas para criminosos. Está cada vez mais comum notícias sobre assaltos a drogarias, mas no lugar do caixa, o alvo são os refrigeradores, onde as canetas estão armazenadas. Esta semana, uma farmácia localizada na comercial da 4/5 do Noroeste foi assaltada no meio da manhã, em plena luz do dia. A notícia logo se espalhou pelos grupos do bairro. A preocupação é já não estarmos seguros nem dentro de uma farmácia. Onde iremos parar?

» **Rodrigo Rezende**
Noroeste



PATRICK SELVATTI

patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Reunião de pauta 2026

É o primeiro dia do ano. Nas redações de imprensa, a equipe de jornalistas, editores, repórteres e produtores se reúne em torno da velha pergunta que nunca muda: o que vamos contar ao longo dos próximos 12 meses? A reunião de pauta de janeiro carrega sempre um traço de ritual, quase uma superstição coletiva. Antes que a realidade se imponha com sua urgência, há espaço para o desejo.

O desejo, neste começo simbólico, é simples e quase infantil: que todas as notícias sejam boas. Que, desta vez, o jornal não precise abrir com tragédias, conflitos ou números alarmantes. Sonha-se, mesmo sabendo da improbabilidade, com manchetes que falem de paz mundial, do fim dos conflitos geopolíticos e das guerras que insistem em transformar o sofrimento humano em estatística. Sonha-se com um mundo em que a erradicação de doenças deixe de ser promessa distante e passe a ser fato consumado, com a cura da aids e do câncer finalmente anunciada sem ressalvas ou letras miúdas.

Na pauta ideal, também entram menos desastres naturais, menos imagens de cidades submersas, florestas em chamas ou famílias desabrigadas. Entra o fim da violência de gênero, e o combate definitivo ao preconceito racial e à violência contra pessoas LGBTQIAPN+. A lista é longa, quase infinita, porque são muitos os assuntos em evidência que precisam, urgentemente, ser resolvidos.

É ano de Copa do Mundo, e há um desejo coletivo que atravessa redações, bares, salas de estar e ruas: ver

o Brasil hexacampeão. Mesmo os mais céticos admitem que, durante o torneio, o país parece suspender por alguns dias suas próprias tensões, unindo-se em torno de uma camisa, de um gol, de um grito compartilhado. Ainda que não resolva nada estruturalmente, o futebol oferece uma trégua emocional, um raro sentimento de pertencimento comum.

É também ano de eleições gerais. E aqui o desejo da pauta é mais sério, mais urgente. Que a cobertura não seja refém da polarização tóxica, das fake news fabricadas em série, das divisões ideológicas transformadas em violência verbal — e, por vezes, física. Que não seja necessário, novamente, gastar energia explicando o óbvio: que democracia se constrói com debate, respeito às diferenças e compromisso com a verdade. Que ataques às instituições não sejam tratados como estratégia política aceitável, mas como o que, de fato, são: ameaças ao pacto coletivo.

A reunião de pauta do primeiro dia do ano é, no fundo, um exercício de esperança. Nós, jornalistas, sabemos que não controlamos os fatos, apenas os registramos, contextualizamos e questionamos. Ainda assim, ao listar os temas que gostaríamos de cobrir, revelamos mais do que uma linha editorial, mas um desejo de mundo menos violento, menos desigual, menos adoecido e, quem sabe, um pouco mais justo. Antes de narrar o mundo como ele é, a imprensa também se permite, por alguns minutos, imaginar o mundo como ele deveria ser.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegou”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE — Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br